

IDENTIDADE DE SALVADOR: A VIDA SOCIAL DOS *ESTABELECIDOS* E DOS *DESAFORTUNADOS*.

Isabele Costa Duplat¹

Carlos Geraldo D'Andréia Espinheira²

Resumo: *A cidade de Salvador tem como componente marcante de sua identidade a divisão de acordo com a sua falha geológica, entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa. As ações de urbanização da cidade de Salvador foram conduzidas para a parte alta da topografia, para as avenidas de vale, e para a infraestrutura rodoviária, tendo como consequência o esvaziamento e deterioração do centro tradicional, excêntrico em relação aos novos acessos da cidade. Progressivamente, a população mais abastada foi substituída por outra, de menor poder econômico, provocando aumento de densidade e falta de conservação dos casarões mais antigos da área. Aconteceu assim, uma rápida deterioração e abandono dos casarões, que atualmente se destinam apenas a uma população desafortunada. O Projeto de Revitalização do Comércio tem como objetivo se contrapor ao processo de decadência do lugar, que corrói casarões, antigos mercados e até prédios atuais, desenvolvendo o potencial turístico desse sítio histórico, e as características perdidas ao longo dos últimos anos. Entretanto, nas ruas internas do bairro como Pilar, Julião, Taboão, Montanha e Conceição da Praia, a população desafortunada sofre com risco iminente do desabamento dos imóveis e com a falta de infra-estrutura urbana nessas ruas, cenário cotidiano da decadência.*

Palavras-chave: Requalificação urbana; Identidade; Inserção social

1. INTRODUÇÃO

A cidade de Salvador tem como componente marcante de sua identidade a divisão de acordo com a sua falha geológica, entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa. Primeira cidade portuguesa na América e a capital do Brasil durante dois séculos, no ano de 1549 com Tomé de Souza, primeiro Governador Geral do Brasil, a cidade de Salvador inicia o seu processo de construção em torno de sua falha geológica. Na parte baixa da encosta de 65 metros de altura, desenvolveram-se ao longo da praia atividades portuárias e comerciais, sendo a ligação entre os dois níveis da cidade feita por ladeiras, bondes, planos inclinados e elevadores. A implantação dos sistemas de transporte público no século XIX serviu para integrar a cidade a núcleos mais distantes, mas também serviu para consolidar um modelo de ocupação dos bairros em direção ao sul da cidade, parte alta da encosta, pelas classes de maior renda. Assim, no século seguinte, as ações de urbanização da cidade de Salvador foram conduzidas para a parte alta da topografia, para as avenidas de vale, e para a infra-estrutura rodoviária, tendo como consequência o esvaziamento e deterioração do centro tradicional, excêntrico em relação aos novos acessos da cidade.

Entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa, aparecem claramente como suas ligações o conjunto das ladeiras do Taboão, Julião, a Ladeira do Pilar e a Ladeira da Montanha, onde sobrevive o caráter habitacional do bairro. É importante notar que o uso habitacional da área do Comércio está praticamente ausente há algumas décadas, entretanto, no período inicial da ocupação, comércio e população de comerciantes, abastados ou não, conviviam em diversos pontos da faixa ao sopé da encosta, como a Conceição da Praia, a Preguiça, e o Pilar. Progressivamente, a população mais abastada foi substituída por outra, de menor poder

¹ Graduanda em Sociologia /Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / UFBA. isabeleduplat@hotmail.com.

² Professor Doutor em Sociologia /Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / UFBA. geyespin@ufba.br.

econômico, provocando aumento de densidade e falta de conservação dos casarões mais antigos da área. Aconteceu, assim, uma rápida deterioração e abandono dos casarões, resultando numa grande redução do caráter habitacional no bairro, que atualmente se destina apenas a uma população *desafortunada*.

Atualmente temos no bairro do Comércio, na Cidade Baixa, um exemplo da decadência de áreas importantes da tradicional cidade de Salvador. O Comércio é um bairro marcado por sucessivos aterros que distanciaram do mar mercados e trapiches, permitindo que o espaço fosse organizado a partir da cronologia das construções, que quanto mais próximas da encosta, mais antigas e de arquitetura mais rebuscada. Cenário de constantes contrastes entre construções de diferentes épocas, o bairro ainda abriga em seu cotidiano atividades comerciais e portuárias, escritórios (de advogados, médicos, contadores, imobiliárias, etc.), mercados e feiras populares, além de personagens tradicionais como engraxates e amoladores de objetos. O Projeto de Revitalização do Comércio tem como objetivo se contrapor ao processo de decadência do lugar, que corrói casarões, antigos mercados e até prédios atuais, desenvolvendo nesse sítio histórico as características perdidas ao longo dos últimos anos, fazendo-o ressurgir como área residencial, com pólos de serviços, comércio, e também de educação, tecnologia e turismo.

Enquanto o Projeto de Revitalização do Comércio já utilizou R\$ 15 milhões de recursos da prefeitura³ para a recuperação da Avenida da França, Mercado Modelo e Forte São Marcelo, nas ruas internas do bairro como Pilar, Julião, Taboão, Montanha e Conceição da Praia, a população *desafortunada* sofre com risco iminente do desabamento dos imóveis e com a falta de infra-estrutura urbana nessas ruas, cenário cotidiano da decadência. A Companhia de Desenvolvimento Urbano (Conder) executa na região do Pilar/Taboão a primeira etapa de uma ação de urbanização com caráter habitacional, em conjunto com o Governo do Estado da Bahia e o Ministério das Cidades, através do programa Pró-Moradia.

O tardio acesso à requalificação urbana pelos *desafortunados*⁴ sugere a possibilidade de acontecer no Comércio o mesmo processo excludente que aconteceu no Pelourinho, em que a população original deu lugar à instalação de comércios e serviços culturais, gerando um artificialismo produzido e padronizado, suprimindo assim, a autenticidade da vida cotidiana da população. Uma revitalização que teve como principal objetivo a execução do turismo cultural, que neste caso, não possui sustentabilidade própria. Sabemos que um dos efeitos paradoxais dos investimentos de recuperação de áreas de valor histórico e cultural é o fenômeno da exclusão, visto que os problemas sociais das populações das áreas revitalizadas não são resolvidos, mas camuflados com a expulsão desses.

A partir dessas informações iniciais, pretendemos analisar o caráter das intervenções urbanísticas que acontecem na área do Comércio, sua coerência, alcance, e principalmente, a suposta inserção social de seus moradores, trabalhadores e usuários. Observando a dinâmica da sobrevivência e da concorrência em um mesmo espaço, de atores diferentes, com diferentes perspectivas, diante de uma iniciativa de dinamização daquele histórico bairro da cidade de Salvador, com atividades baseadas no turismo e na cultura, provocando o que poderíamos denominar de uma “domesticação da cultura”⁵.

³SANTANA, Eder Luis. Miséria e Revitalização no Comércio:

População carente do bairro vê surgir novos empreendimentos e teme ter de deixar o local onde vive há décadas. A TARDE, Salvador, 30 mar. 2006. Caderno Local.

⁴ “Em que diferem os *estabelecidos* dos *desafortunados*? Os primeiros são resistentes e emergentes, os segundos são produtos de uma condição de impossibilidades de realização.” ESPINHEIRA, Gey. Identidade de Salvador: signos e vida cotidiana da Cidade Baixa – o turismo, a cultura e a vida social dos *estabelecidos* e dos *desafortunados* II. UFBA/PIBIC: 2005, pp 02.

⁵ ESPINHEIRA, Gey. El patrimonio como cenário na domesticación de la cultura. Comentários ao Dossier de Iconos 20. Íconos. Revista de Ciencias Sociales. Num. 21. Quito, enero 2005. p. 69-77. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales de Ecuador.

2. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

A metodologia usada durante o projeto de pesquisa se consistiu na análise e interpretação dos fatos etnográficos, a partir da concepção de que cada detalhe do cotidiano do bairro faz parte de um todo complexo. A metodologia da *observação participante* foi usada de forma sistemática, para que as mensagens contidas na complexidade do bairro do Comércio fossem decodificadas durante as observações de campo. Utilizamos também o *método configuracional* de Nobert Elias, captando situações e condições de ser, estar-no-mundo e de ver-o-mundo, permitindo uma recriação do universo vivencial e do imaginário coletivo sobre a Cidade Baixa e o bairro do Comércio. Os focos da pesquisa foram: os processos de requalificação urbana que estão acontecendo no bairro; a identificação em campo dos tipos ideais *estabelecidos e desafortunados*; as reais possibilidades de inserção social do tipo ideal *desafortunados*; os projetos habitacionais executados pela Conder na região do Pilar, Taboão e Julião; a identidade e a cultura que se elabora no cotidiano do bairro. A técnica para o levantamento de dados e composição de histórias de vidas foi o das entrevistas, conversas informais e levantamentos sistemáticos de situações. Os aportes teóricos e de estudos de situações similares aos temas estudados também contribuíram para a composição deste projeto de pesquisa, que teve o seu objeto construído a partir do discurso sobre a situação anterior e as expectativas agora vislumbradas. Depois da coleta dos dados, as informações foram cruzadas com a finalidade de racionalizar as formas de entendimentos expressos nas falas dos entrevistados. Produzimos relatórios etnográficos de cada incursão a campo, assim como registros de observações, e a construção de um documentário fotográfico da região habitacional dos bairros (Pilar, Julião e Taboão), totalizando 72 fotografias.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 - A revitalização e a vida social dos *estabelecidos e desafortunados*.

Ocupando a faixa de terra situada ao sopé da encosta está o bairro do Comércio, que desde a sua fundação até os tempos atuais, tem como uma de suas principais características a função de porto marítimo. Esta atividade norteou a ocupação urbana do bairro, comandando suas diferentes fases de evolução, que incluíram sucessivos aterros que afastaram do mar, a partir do século XVIII, mercados e trapiches. Local onde tradicionalmente ocorrem agenciamentos de negócios e o tratamento de assuntos públicos, o bairro se apresenta até hoje como um cenário de grande efervescência comercial, com um destaque para a predominância de serviços de créditos. A ampliação sucessiva da área portuária é um importante fator da organização do espaço do bairro e da cultura que se elabora no seu cotidiano.

O Projeto de Revitalização do Comércio, concebido pela Prefeitura Municipal de Salvador com a cooperação da CODEBA, a Associação Comercial, e o Governo do Estado da Bahia, tem como objetivo se contrapor ao processo de deterioração e esvaziamento do bairro, iniciado com a descentralização da cidade de Salvador. Este processo se inicia no século XIX, com o desenvolvimento do sistema de transportes públicos, e com as transformações que aconteceram na cidade durante o século XX, como a criação do Pólo Petroquímico de Camaçari, o Centro Industrial de Aratu, o Shopping Iguatemi e o Centro Administrativo na Avenida Paralela, fazendo com que o centro tradicional se tornasse excêntrico em relação aos novos acessos.

A Prefeitura Municipal é pressionada a anunciar em 1999 a revitalização do Comércio, diante do abandono que se encontrava a Cidade Baixa. O levantamento dos dados começou a ser executado no ano de 2000, quando o SEBRAE realizou o cadastramento das empresas do bairro,

e estudos de caráter socioeconômico, cultural e histórico, medindo assim o grau de decadência e os possíveis potenciais do comércio local. Além da revitalização, o projeto pretende expandir o potencial turístico da cidade, aumentando a captação de turistas nacionais e estrangeiros, a partir da valorização do espaço com diversas aplicações de recursos.

O Projeto de Revitalização também pretende resgatar o caráter residencial do bairro com a construção, já iniciada, de apartamentos próximos ao mar, além de inserir pólos de serviços, comércio, educação, tecnologia e turismo. Como ações já realizadas pelo Projeto de Revitalização, temos: adoção de incentivos fiscais para empresários se instalarem no local (incluindo faculdades); reintegração do Plano do Pilar (que inclui o projeto habitacional, ações de infra-estrutura urbana e a restauração do Plano Inclinado do Pilar), com o orçamento estimado em mais de R\$ 2 milhões; reinauguração do Forte São Marcelo; pintura da parte externa do Mercado Modelo; e a recuperação da Avenida da França, com gastos que superam o valor de R\$ 6 milhões.

Como obras que ainda serão realizadas pelo projeto, temos: trabalhos de infra-estrutura urbana no Taboão, Julião e Montanha; conclusão das obras da Via Portuária; implantação do call center do Banco do Brasil; nova agência da Caixa Econômica Federal; criação do pólo audiovisual do Trapiche Barnabé, onde serão produzidos filmes independentes; implantação da 16ª Companhia Independente da Polícia Militar com 300 homens; relocação das sedes das Secretarias Municipais da Saúde e da Educação; padronização e ordenamento do comércio informal, de acordo com as ruas onde atuam os trabalhadores.

Na tentativa de identificar as populações pertencentes à configuração urbana do bairro do Comércio, em processo de transformação/revitalização, e compreender as relações significativas entre o fenômeno e seus elementos, estabelecemos dois *tipos-ideais* de população: os *Estabelecidos e Desafortunados*. Ambos deserdados e destituídos durante o processo de decadência e revitalização do bairro, com formas e estilos de ser, viver e fazer, conflitantes com a modernidade e o turismo cultural. As condições sociais em que emergem e se emolduram esses personagens urbanos durante este processo de requalificação urbana, será um dos principais objetivos da presente análise.

Inseridos no arquétipo dos *Estabelecidos*, resistentes e emergentes, temos os antigos comerciantes e os novos empreendedores. Alguns removidos por conta da nova funcionalidade dos prédios, alguns beneficiados com incentivos e isenções fiscais, a exemplo das faculdades instaladas no bairro, call center, casas de show, entre outros. Também no arquétipo *estabelecidos*, temos os tradicionais amoladores de objetos e os engraxates do bairro do Comércio, que resistem às propostas de realocação dos seus tradicionais pontos de trabalho pela Secretaria de Serviços Públicos⁶, e que demonstram, mesmo de maneira não homogênea, uma história e uma dinâmica particular que lhes permitem atribuir para si aspectos relacionados à tradição, à cultura local, e a certa identificação e reconhecimento.

Em relação aos novos empreendedores do bairro, o Projeto de Revitalização está oferecendo a isenção do IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) e a diminuição do ISS (Imposto Sobre Serviços) de 5% para 2%. Um dos beneficiados pelos incentivos do projeto é o estabelecimento Zauber, instalado no Edifício Taveira, construído em 1912, situado na Ladeira da Misericórdia, próxima à Ladeira da Montanha. O empresário Max Santil aponta como os fatores que direcionaram a escolha do bairro do Comércio, os incentivos e isenções de impostos municipais, e principalmente, o caráter comercial da área, que diminui a possibilidade de problemas com a SUCOM (Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do Solo no Município), visto que o empreendimento se destina à apresentação noturna de bandas e Dj's. O empresário aponta que os problemas da época da reforma relacionados com a localização eram a

⁶ Planejar, administrar e fiscalizar o comércio em vias e logradouros públicos, de serviços de iluminação pública, a limpeza urbana, a proteção estética da cidade e as atividades relacionadas com mercados, feiras livres, cemitérios e serviços funerários, bem como a defesa do consumidor e o salvamento marítimo.

sujeira na rua, fezes humanas e usuários de crack que freqüentavam o local. Com a ajuda do Escritório de Revitalização e do 18º batalhão da Polícia Militar esses problemas foram dissipados. Outro aspecto negativo relacionado à localização do empreendimento no bairro do Comércio é o alto custo com a segurança da parte externa do Zauber, para a proteção dos clientes e seus veículos, na antiga e sinistra Ladeira da Misericórdia.

Os *Desafortunados* seriam indivíduos resultantes de uma condição de impossibilidade de realização, como os vendedores ambulantes (cadastrados ou não) submetidos à realocação para travessas de pouco movimento, sub-trabalhadores, a prostituição proletária e lúmpem da Ladeira da Montanha, catadores de lixo (relacionados ou não a cooperativas), e moradores da região do Pilar, Julião, Taboão e Conceição da Praia.

No caso dos vendedores ambulantes, indivíduos que utilizam a força de trabalho de maneira autônoma, muitas vezes trabalhadores que perderam suas funções no mercado formal, somam-se as condições de impossibilidades de realização o processo de ordenamento a que são impostos pela Secretaria Municipal de Serviços Públicos, com o objetivo de controlar as atividades e a disposição destes trabalhadores nas ruas do bairro, de forma que não comprometam a estética urbana, a higiene e o fluxo de pessoas nas calçadas. Observamos que mesmo com o processo de ordenamento, existem ambulantes circulando pelas ruas transgredindo a determinação da SESP. O argumento desses trabalhadores coincide com a crítica feita pelos ambulantes ordenados na Rua Riachuelo, conhecido como *Beco do Mijo* pela sua utilização como banheiro público. Neste local houve uma baixa nas vendas por conta da invisibilidade da localização e conseqüente afastamento da clientela, além do risco de assalto aos trabalhadores, que por isso retiram suas mercadorias antes das 18 horas. A insegurança é motivada pela *Feira do Rolo*, onde ocorre a venda de produtos de origem duvidosa, possivelmente provenientes de furtos.

No caso daqueles que habitam o bairro do Comércio nas localidades do Pilar, Julião, Taboão, Ladeira da Montanha e Conceição da Praia, as condições de impossibilidades de realização se apresentam nas ruas em que habitam, e nas atividades informais que exercem para obter renda. Locais de domicílios insalubres, instalados em antigos casarões ou em barracos de madeira, ambos com risco iminente de desabamento, tanto pelo estado deteriorado dos casarões como pela proximidade com a encosta. Um projeto está sendo desenvolvido para a revitalização da encosta de Salvador, tendo como a sua primeira etapa o Plano do Pilar, com previsão para ser concluído em 18 meses a partir de março de 2006. As obras para o Julião e o Taboão têm como previsão para início das obras o prazo de três anos, apesar dos sucessivos desabamentos. A população da Ladeira da Montanha e da Conceição da Praia terá que esperar mais tempo por condições de possibilidades de realização.

A proposta de revitalização, e o conseqüente ordenamento, submetem os indivíduos a uma coação que os impelem a se comportarem de forma adequada, visto que sanções podem ser a conseqüência de qualquer deslize para com a ordem proposta. Sendo assim, os ambulantes estão obrigados a permanecerem nos locais ordenados, pois o não cumprimento das leis acarreta em prejuízos, como o aprisionamento de suas mercadorias e dos próprios. O Projeto de Revitalização do Comércio, ao mesmo tempo em que cumpre com a restauração e valorização do lugar, cria mecanismos para o afastamento dos indesejáveis, como é o caso daqueles inseridos no arquétipo *Desafortunados*, considerados pelo projeto como resíduos que devem ser expelidos ou ordenados para que novas configurações se estabeleçam de acordo com um ideal urbano. Na tentativa de ordenar a tradição do bairro do Comércio, as particularidades e necessidades dos indivíduos afetados por essas ações são desconsideradas, promovendo uma domesticação e homogeneização da cultura.

3.2. Lugar: habitações e moradores – Pilar e Julião

Dando continuidade ao estudo dos impactos da intervenção urbana em áreas de alta relevância cultural e histórica, como é o caso do processo de requalificação em andamento no bairro do Comércio, encaminharemos a análise para as regiões onde ainda resiste o uso habitacional do solo, como é o caso do Pilar e do Julião. Estas ruas se localizam na parte interna do bairro, próximas da encosta, da Praça Marechal Deodoro, Mercado do Ouro e do Trapiche Barnabé, concentrando populações de baixa renda que residem em condições subumanas, em habitações precárias erguidas na encosta ou em sobrados arruinados, com a ausência de abastecimento de água, saneamento e coleta regular de lixo. Segundo AZEVEDO (2003):

A área do Pilar, originalmente ocupada por atividades relacionadas ao porto, com trapiches e armazéns comerciais aos quais mesclava o uso habitacional, apresenta-se hoje em processo de degradação, não apenas de suas estruturas físicas como em termos da apropriação de seus espaços, típica de áreas em deterioração em que estruturas em desuso ou sub utilizadas, cortiços, áreas desocupadas ou em ruínas, propiciam uma ocupação desordenada e sem controle social. Diante desse quadro, a proposta de requalificação deverá contemplar os usos urbanos tradicionais, inserindo novos usos e reforçando o uso habitacional como elemento de renovação social.

A Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (Conder) avaliou 488 pessoas em situação de risco no trecho Pilar/Taboão, entre cortiços instalados em antigos casarões com risco de desabamento, e habitações rudimentares construídas na encosta com materiais como madeira, eternit e papelão. O Plano de Requalificação Urbana Pilar/Taboão executado pela Conder compreende na sua primeira etapa apenas a região do Pilar, com uma previsão de 18 meses para a conclusão da obra, que teve início no mês de março de 2006. O projeto tem dificuldades para a liberação do recurso segundo reportagem do jornal *A Tarde* (30/03/2006), tendo como consequência a previsão da requalificação da área do Julião apenas daqui a três anos.

As obras da primeira etapa do projeto habitacional tiveram início com a demolição do antigo prédio do frigorífico estadual, cujo terreno abrigará as casas das 107 famílias cadastradas no Pilar. Não-cadastrados são aqueles que iniciaram a moradia após o levantamento de dados da Conder. Segundo Dona Maria (Ilzinalva), da Associação de Moradores Santa Luzia do Pilar, a primeira e a segunda etapa do projeto beneficiarão 245 famílias das duas localidades, que além de novas habitações contarão com infra-estrutura de saneamento, iluminação pública, equipamentos comunitários e a recuperação ambiental dos patamares da encosta. A líder comunitária nos informou ainda que um dos grandes suportes para a realização do projeto foi a professora da Faculdade de Arquitetura da UFBA, Maria Esterzilda Berenstein.

A área do Pilar está incluída numa Área de Proteção Rigorosa por determinações da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico (SPHAN), em conjunto com o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), por suas condições topográficas, gabaritos de altura, volumetria e disposição de edificações que podem afetar marcos visuais e históricos. A intervenção na área do Pilar privilegia o uso habitacional (no mínimo de domicílios já existentes), serviços, comércio e atividades culturais que se estendam à cidade, integrando diferentes estratos sociais.

Uma contradição é facilmente percebida nesta ação da Conder: o número de famílias beneficiadas de fato, e o número exposto na placa da obra. Será que o número de famílias da placa corresponde ao número de moradores? Ou estes números se referem a um total de projetos habitacionais da Conder (Pilar, Julião, Taboão, Montanha e Conceição da Praia)? Não houve esclarecimento sobre o que acontecerá com os moradores não-cadastrados, nem sobre a situação dos moradores do Julião, onde as habitações estão instaladas em antigos casarões com risco

iminente de desabamento, caracterizadas frequentemente como cortiços. O projeto habitacional tem como previsão de início na região do Julião o prazo de três anos. A placa do projeto contém as seguintes informações: valor da obra (R\$ 7, 610, 526,91); número de famílias beneficiadas (1394), sendo que líderes comunitários e a própria Conder informam o número de 245 famílias beneficiadas.

Segundo ESPINHEIRA (2005):

No sopé da montanha, no casario de encosta, nas *lojas* e porões, mas também nos pavimentos superiores e arruinados de velhos prédios, *restam* pessoas, como coisas deixadas, propositadamente esquecidas ou abandonadas, vivendo as últimas energias dos pequenos e sórdidos universos deteriorados. São seres humanos os mais diversos, alguns que vêm de um longo processo de degradação social, nascidos ali mesmo, ou residentes há muito tempo, marcados por um destino de impossibilidades, mas também impossibilitados de desenvolver disposições para reagir contra as adversidades, ou acomodados para fazer das adversidades a normalidade de suas condições de vida, e se deixam viver e sobreviver na mais estranha entrega aparente. (...) Que desejos têm? Que sonhos sonham? Que possibilidades antevêm? São o que aparentam ser? Que subjetividades cultivam? Como vivem o cotidiano?

A cultura também se elabora na negatividade, portanto, mesmo que essas localidades concentrem populações de baixa renda, em condições insalubres de habitações, com um cotidiano permeado por condições de impossibilidades de realizações, o Pilar e o Julião se caracterizam como lugares identitários pertencentes àqueles que o vivenciam. Segundo AUGÉ (1994), a presença do passado que ultrapassa e reivindica o presente, é a essência da modernidade, que não apaga os ritmos antigos dos lugares, mas que os coloca em segundo plano. O lugar nunca é completamente apagado, ele representa um conjunto de elementos que coexistem dentro de uma certa ordem, com um sentido inscrito e simbolizado. Assim é a região habitacional do Comércio, dispersa em continuidade com a encosta, o Pilar, Julião, Taboão, Ladeira da Montanha e Conceição da Praia, constituem cenários de acontecimentos e transformações históricas, passado que reivindica do presente a conservação daqueles que fornecem a sua identidade, visto que esta é construída a partir da memória de quem vivencia o *lugar*, e para as quais o *lugar* as pertence, pois é onde o sentido da sua existência está inscrito e simbolizado.

Um aspecto positivo desta intervenção urbana é a permanência dos moradores nessas regiões, diferente do processo excludente de revitalização do Pelourinho, onde as populações foram expulsas com indenizações compulsórias e medíocres, por uma transformação do centro histórico em pólo turístico, neste caso, sem sustentabilidade. Embora não se possa afirmar desde já que as habitações construídas e subsidiadas pelo governo, assim como os encargos que derivam do compromisso assumido com o ente público – prestação da unidade habitacional, taxas de água, luz, etc. – não venham a funcionar como empecilhos para a manutenção das pessoas daquela comunidade naquele local.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pós-modernidade cria a necessidade de transmutar-se para ser o que não era, um lugar onde a cultura é substituída por um conjunto de atividades padronizadas, artificiais, voltadas para um turismo cultural, assim como observamos no bairro do Comércio, na Cidade Baixa de Salvador. No mundo moderno há uma falha no processo de identificação por conta do constante acesso a diversas culturas, o que proporciona uma identificação fragmentada e problemática. Esta crise identitária produz um sujeito capaz de desempenhar diferentes papéis sociais e de

internalizar diversas identidades, sejam elas contraditórias ou não, adaptando-se a cada momento social e suas diferentes expectativas de conduta. Assim como o exemplo do processo de requalificação urbana iniciado com o Projeto de Revitalização do Comércio, onde moradores e trabalhadores do bairro adaptam-se a este novo momento social, onde novas expectativas de conduta são exigidas. O impacto da globalização, e da imposição de um padrão urbano global sobre a identidade cultural, é um estímulo para mudanças sociais, desconectando o mundo de suas tradições, e os indivíduos de uma rede sistemática de relações sócio-culturais...

O Estado é um grande órgão de preservação da cultura nacional, entretanto representa uma idéia de homogeneização cultural contraditória à sua constituição de representações heterogêneas. Nenhuma identidade é única ou isolada, visto que é representada por indivíduos envolvidos em suas relações, fazendo da identidade algo em constante mudança, com possibilidades de renovações e inovações culturais. “Pertencer a uma cultura significa ser um indivíduo integrado ao mundo social, um indivíduo representado no tempo e espaço, e que possui um quadro simbólico de atribuições de significados que guia a vida social”.⁷ A globalização, por tornar o mundo interligado, cria a tendência de uma homogeneização cultural, apagando identidades nacionais e regionais, gerando a necessidade de proteger e resguardar as identidades particulares, como nos reafirma ESPINHEIRA (2004):

A preservação e a constituição da identidade de Salvador e da cultura baiana em sua configuração como *baianidade*, da maior importância para a configuração da identidade de um povo e da imagem de sua cidade, sobretudo no momento em que diversas tendências se manifestam, umas no sentido de preservação da identidade e das tradições; outras no sentido do enquadramento a uma padronização globalizante que faz iguais lugares diferentes, no mundo em que a própria globalização exige a preservação das identidades para que os lugares sejam diferentes em espaços diferentes para que haja interesse em troca, em intercâmbio, fundamental, sobretudo, para o turismo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AZEVEDO, Esterzilda Berenstein de. Requalificação urbana e cultural da cidade. Trad. Mattos Viola. Salvador: Faculdade de Arquitetura da UFBA, 2003. 228p.
2. ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L.
Os estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade, Rio de Janeiro, Zahar 2000.
3. BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas, São Paulo: Papirus Editora, 1996.
4. DE CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
5. SANTANA, Eder Luis. Miséria e Revitalização no Comércio: População carente do bairro vê surgir novos empreendimentos e teme ter de deixar o local onde vive há décadas. A TARDE, Salvador, 30 mar. 2006. Caderno Local.
6. AUGÉ, Marc. Dos lugares aos não lugares. In: Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994.
7. GEERTZ, Clifford – A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

⁷ Fragmento contido no artigo *A Identidade Cultural na Pós-modernidade-Stuart Hall, ainda não publicado*, cuja autora Tatiana Costa Ribeiro é membro do Grupo de Pesquisa *Cultura, Cidade e Democracia: representações e movimentos sociais*, liderado pelo Prof. Dr. Gey Espinheira.

8. BRANDÃO, Maria de Azevedo. A chamada Economia Popular em debate. Salvador: 1999, Caderno CEAS.
9. ESPINHEIRA, Gey. Comunidade do Maciel. Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. Salvador, 1971.
10. ESPINHEIRA, Gey. Divergência e prostituição: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.
11. ESPINHEIRA, Gey. El patrimonio como cenário na domesticación de da cultura. Comentários ao Dossier de Iconos 20. Íconos. Revista de Ciencias Sociales. Num. 21. Quito, enero 2005. p. 69-77. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales de Ecuador.